

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pós-Graduação



1290004131

TCC/UNICAMP
M813f
FE

200921129

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



UNICAMP

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PERCI MOREIRA

“FORMANDO E ME FORMANDO PROFESSOR”

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PERCI MOREIRA

“FORMANDO E ME FORMANDO PROFESSOR”

Memorial apresentado ao Curso de Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF), da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão do curso de Especialização em Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento.

CAMPINAS

2008

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA:	TCC
	M813f
V:.....EX:.....	
TOMBO:	4131
PROC.:	148109
C:.....D:.....	X
PREÇO:	2011,00
DATA:	22/08/09
Nº CPD:	443264

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Moreira, Perci.
M813f Formando e me formando professor/ Perci Moreira. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2008.

Orientador : Anna Regina Lanner de Moura.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. PROESF. 2. Formação de professores. 3. Concreto. 4. Prática e
ensino. I. Moura, Anna Regina Lanner de. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-263-BFE

Agradecimentos

A Deus, por este momento,

Meus familiares, pela compreensão das minhas ausências,

À UNICAMP, pela oportunidade do meu engrandecimento pessoal e profissional,

A todos os professores, pela paciência e atenção,

*À Professora Orientadora Anna Regina Lanner de Moura, por me fazer entender
melhor as nuances matemáticas e de educador,*

*À Professora Orientadora Márcia Strazzaccapa, pelos momentos de reflexão
sobre a Arte na Escola,*

*Aos Professores Coordenadores do PROESF, pelo alunos que contribuíram
coordenação do curso,*

Aos alunos e alunas, pelas constantes trocas de conhe. reflexão.

*Aos funcionários da UNICAMP e dos Pólos de Americana e Vinhedo, pela
atenção e cortesia.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. A SELEÇÃO	9
2. O CURSO INTENSIVO DE FORMAÇÃO.....	112
2.1. Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa.....	12
2.2. Teoria Pedagógica e Produção em Matemática.....	13
2.3. Teoria Pedagógica e Produção em História.....	14
2.4. Teoria Pedagógica e Produção em Geografia.....	15
2.5. Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente.....	16
2.6. Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade.....	17
2.7. Teoria Pedagógica e Produção em Artes.....	18
2.8. Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física.....	19
2.9. Reflexão sobre o curso intensivo de formação.....	21
3. A PRÁTICA COMO ASSISTENTE PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO PROESF	23
3.1. Matemática.....	23
3.2. Artes.....	28
3.3. Assistente Pedagógico – Formando e me Formando Professor.....	32
3.4. Trechos de Portifólios.....	34
CONCLUSÃO.....	40
BIBLIOGRAFIA	44

APRESENTAÇÃO

A educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental têm sido a grande preocupação atualmente do governo e das universidades onde, ao profissional que trabalha com os anos iniciais da criança na escola, não era exigido nível universitário e que, a partir da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, isto passou a ser obrigatório.

Partindo desta preocupação, as Prefeituras passaram a procurar as universidades para que fosse oferecido aos seus professores o curso de Pedagogia por exigência de Lei mas, ao mesmo tempo, como uma formação em exercício dos seus professores, para que melhorassem os seus desempenhos em sala de aula e, com isto, a qualidade de formação dos alunos.

O PROESF (Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas), oferecido pela UNICAMP, veio ao encontro desses anseios, oportunizando a todos os professores das redes municipais de ensino da região metropolitana de Campinas esta formação de nível universitário, com a característica de formação continuada em exercício.

Para que esta formação dos muitos professores pudesse acontecer foi que surgiu a oportunidade do curso para minha formação como especialista, para poder trabalhar como Assistente Pedagógico (AP) no curso de Pedagogia, que

seria oferecido pela UNICAMP. E é com a prática que já possuía, ampliada pelo Curso de Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento, que venho descrever meu memorial, com o propósito de as pessoas que trabalham, ou venham a trabalhar com o início da educação básica (Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental) possam encontrar, neste material, idéias e reflexões que ajudem no exercício de seu cotidiano escolar.

Num primeiro momento, procuro fazer um breve relato do meu curso de formação nas diversas disciplinas, tentando colocar para o leitor aquilo que mais foi marcante em cada uma delas durante as aulas.

No segundo momento, descrevo minha prática como professor AP. Onde se lê “Formando e me Formando Professor”, serão encontradas as experiências em sala de aula junto aos alunos professores. Toda minha formação enquanto professor foi e continuará se consolidando e ganhando volume para que eu me sinta realmente um educador nas disciplinas nas quais me aperfeiçoei.

Por fim, faço minha conclusão indicando os momentos de reflexão sobre o curso e direcionando caminhos para melhorar meus estudos, com o objetivo de buscar compreender melhor a formação da criança e dos profissionais que com elas trabalham na educação. Somente após de ter passado por este curso consigo ter uma visão diferenciada sobre a formação da criança, do trabalho a ser desenvolvido na educação básica, e das falhas existentes na minha formação enquanto professor de Matemática, pois, conforme dizem Almir Sater e Renato Teixeira na música “Tocando em frente”, “hoje me sinto mais forte, mais feliz

quem sabe, eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei, e nada sei, pois cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz”.

1. A SELEÇÃO

Tudo começou quando a Secretaria de Educação do Município de Americana resolveu participar do convênio com a UNICAMP para o Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas (PROESF) e abriu inscrições aos professores da rede para passarem por uma seleção, da qual seriam escolhidos alguns professores que fariam o curso de capacitação para poderem trabalhar na formação daqueles que ainda não tinham Pedagogia.

Num primeiro momento não senti muito interesse, mas depois a idéia de poder fazer um curso que me possibilitaria trabalhar na formação dos professores fez com que eu me inscrevesse, pois era um novo desafio que tinha aparecido em minha vida e não poderia deixar de participar desta experiência. Os momentos que antecederam a seleção foram de muita expectativa e angústia por não saber o que ocorreria na entrevista, mas no dia em que fomos para a universidade, pude perceber que não era apenas eu que estava daquela forma, mas todos estavam ansiosos e a conversa era apenas no sentido de tentar descobrir o que aconteceria quando chegássemos à UNICAMP.

A seleção foi um momento em que pudemos colocar nossas idéias sobre a educação e quais nossas expectativas com relação ao futuro da educação brasileira. Senti-me muito à vontade para fazer colocações e descobri que várias

pessoas ali tinham idéias muito parecidas com as minhas, mas outros tinham posições contrárias, o que tornou a discussão muito proveitosa para o nosso crescimento como educador. Aquele foi apenas um pequeno momento de discussão, mas que não parou, pois ela continuou durante toda a viagem de volta para Americana, e também durante o curso de formação intensiva pelo qual passamos.

Depois veio um outro tipo de angústia, aquele da espera pelo curso de formação intensiva. Não sabíamos quais disciplinas e professores teríamos, pois os selecionados foram colocados em três grandes blocos, com oito áreas cada um. Fiquei no bloco 2, o bloco das teorias pedagógicas e produção do conhecimento, que falarei nas páginas seguintes.

Durante todo o curso de preparação, para podermos dar aulas para os professores que não tinham Pedagogia na Região Metropolitana de Campinas, estiveram presentes outras angústias: de como seria recebido em sala de aula por eles; qual seria meu desempenho diante deste novo desafio e, principalmente, quais as disciplinas que eu lecionaria como Assistente Pedagógico (AP). Esta última era a que mais me incomodava pois, a cada nova disciplina, me apaixonava mais, confundindo muito minha cabeça para a escolha. Queria dar aula de todas, mas sabia que isto não seria possível. Talvez este tenha sido o pior momento durante o curso, o de ter que fazer opção pelas disciplinas que ministraria aulas. Mas, depois de muito pensar, comecei a descobrir quais aquelas que mais me sensibilizavam e então fiz uma escala, optando por

trabalhar com aquelas que pudessem também mexer com os futuros alunos e alunas, incomodando-os assim como eu me senti incomodado.

2. O CURSO INTENSIVO DE FORMAÇÃO

2.1. Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa

Momentos de reflexão sobre Letramento¹ me fizeram descobrir o quanto eu falava sobre o assunto sem muita firmeza. Tais momentos revelaram o quanto é importante termos uma fundamentação teórica sobre o que estamos falando. Por exemplo, um dos assuntos polêmicos foi sobre a utilização ou não da cartilha em sala de aula, e que ficou bem claro durante as aulas com o professor Sergio Leite².

Conforme Eliane Porto Di Nicci escreveu no livro **Alfabetização e Letramento**, organizado por LEITE, A. S., em 2001, pag.59: Leite (2001)

“..., pode-se considerar que o fenômeno do letramento extrapola o domínio do código: as aspirações sociais com relação ao sujeito vão além desse domínio. As condições sociais demandam o uso e a prática da escrita, o que fortalece a necessidade de conservar as informações para usá-las posteriormente”.(pág. 59)

As reflexões me fizeram lembrar da minha alfabetização através das cartilhas **Abreu Sodré** e **Caminho Suave**, que eram apenas o domínio dos códigos, dos momentos com alguns amiguinhos da escola, até mesmo da professora da pré-escola que não chegou a usar cartilhas, mas que lia muitas historinhas e fazia com que desenhássemos aquilo que ela acabava de ler. Quantas coisas esquecidas foram lembradas durante as falas dos colegas de

¹ Soares, Magda B. **Letramento – um tema em três gêneros**. BH: Ceale/Autêntica, 1998.

² Professor Antonio Sérgio da Silva Leite é Professor Doutor da Faculdade de Educação da UNICAMP.

classe! Lembrei ainda de um momento que vou deixar aqui registrado: já estava na quinta série quando um coleguinha me convidou para ir com ele devolver um livro na biblioteca da escola. Quando lá cheguei, fiquei parado na porta. Uma moça, com aparência muito jovem, que cuidava da biblioteca, veio até mim e perguntou por que eu nunca entrava lá. Respondi que ali só existiam livros chatos, que eu não gostava de ler. Foi aí que ela me mostrou um livro e disse: “veja se este livro é chato”. Peguei-o, folheei-o e ele tinha apenas uma palavra em cada página, mas contava uma linda história. A partir daí foi me dando livros cada vez com mais letras, até que eu estava lendo livros que mais pareciam uma bíblia de tão grossos. Sem me dar conta, e achar que eram chatos os livros com muitas páginas para ler, passei a ser um dos maiores frequentadores da biblioteca. Fiz questão de colocar esta passagem, pois acredito que muitas pessoas não gostem de ler, por falta de alguém que incentive a leitura. Ficou muito forte neste curso, que é fundamental para a criança e para nós, professores, a prática da leitura no dia-a-dia.

2.2. Teoria Pedagógica e Produção em Matemática

Como sou graduado em Matemática, pensei que seria fácil cursar esta disciplina. Para minha surpresa, foi uma das mais difíceis, pois teoria pedagógica era o que me faltava na graduação, para poder entender os porquês dos alunos chegarem à quinta série com tantas dificuldades em entender o que eu queria

trabalhar com eles. Momentos de discussão em grupo, coordenados pela professora Anna Regina³ junto com a Doutoranda Maria do Carmo de Sousa, fizeram com que o crescimento individual superasse todas as minhas expectativas e mostraram o quanto é importante o trabalho em grupo, bem direcionado, e que instigue o aluno ao assunto de estudo. Por vários momentos, durante as aulas da disciplina, fiquei incomodado, pois como graduado em Matemática, deveria ter pleno conhecimento sobre o assunto tratado. Sentia-me confuso e isto fez com que eu percebesse o quanto foi falho meu curso de graduação, que simplesmente não ofereceu momentos para entender o processo de formação da criança desde a pré-escola, fragmentando assim minha visão como educador.

2.3. Teoria Pedagógica e Produção em História

A professora Ernesta⁴ nos fez entender os momentos de se trabalhar a História com as crianças pequenas, diferentemente daquilo que nos foi dado. Orientou-nos que, trabalhando com coisas concretas, poderíamos chegar à História distante. Num crescente entendimento sobre a importância do registro, fez-nos perceber que nós nos diferenciamos de outras comunidades através do registro da história em que vivemos, para poder ser inserido na história do mundo.

³ Anna Regina Lanner de Moura – Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP

⁴ Ernesta Zamboni- Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP

Conforme dossiê escrito na Revista Brasileira de História⁵, onde cita de VYGOTSKY em pág. 95, que: “o aluno aprende um conceito no momento em que sabe usá-lo em situações concretas e, paulatinamente, vai interiorizando-o a ponto de aplicá-lo em outras situações; é a chamada fase da transição do conhecimento concreto para o abstrato ou vice-versa”. Com esta fala, deixa claro a importância desta linha de trabalho.

2.4. Teoria Pedagógica e Produção em Geografia

Durante todo o tempo da disciplina, experimentamos trabalhar com maquetes, fotos e historinhas infantis, mostrando a realidade vivida no dia-a-dia, para entendermos concretamente a Geografia. Para que isso acontecesse realizamos uma visita de campo em comunidades de assentados nas cidades de Hortolândia e Sumaré. O Professor Wenceslao⁶, nos levou até eles, onde tivemos contato com pessoas que utilizam a terra para poder tirar seus sustentos e onde observamos que, mesmo a maioria deles não tendo quase estudo formal utiliza técnicas de manejo da terra conforme a topografia do terreno. Estes momentos ficaram gravados na memória de todos nós, pois foi um momento muito rico vivenciado concretamente durante o curso. Com reflexões constantes sobre as influências da mídia nas pessoas, quando utilizam de imagens que dão credibilidade ao assunto tratado, concluímos que o professor tem que oferecer

⁵ Revista Brasileira de História em 1998, vol. 18, nº 36, com o título de Representações e Linguagens no Ensino de História

⁶ Wenceslao Machado de Oliveira Junior – Professor Doutor da Faculdade de Educação da UNICAMP

aos alunos coisas concretas que também deem credibilidade à matéria dada em sala de aula, vinculando o aprendizado à prática vivenciada. Em seu ensaio **Perguntas à Tevê e às Aulas de Geografia – crítica e credibilidade nas narrativas da realidade atual**, o Prof. Wenceslao escreve que:

“Enquanto nossas narrativas escolares seguem normalmente o modelo generalizante do discurso científico, as narrativas audiovisuais seguem uma proposta típica da literatura que é a de uma visão mais pontual e aproximada”.(JUNIOR, 1998, vol 18, nº36).

Deixa claro aí que devemos, enquanto professores, trabalharmos de forma mais pontual com os alunos, preparando-os para a vida e não para o mercado de trabalho, dialogando mais com eles, pois através da troca as aulas se tornam mais ricas e todos aprendemos mais.

2.5. Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente

O professor Ivan⁷ trabalhou as ciências de uma forma geral, mostrando a importância de conscientização da criança, desde o conhecimento de seu corpo até a preservação do meio ambiente. Mostrou quanto o ensino de ciências ainda está parado no tempo, preocupado fundamentalmente em transmitir o extenso conhecimento científico adquirido com os anos de pesquisas, apresentando os conceitos dissociados uns dos outros, não vinculando significativamente os conteúdos com o método, que é selecionado única e exclusivamente para prender

⁷ Ivan Amorosino do Amaral – Professor Doutor da Faculdade de Educação da UNICAMP.

a atenção do aluno e para memorização do conhecimento teórico. Mas mostrou também novos caminhos onde o professor deve trabalhar proporcionando ao aluno a possibilidade de redescobrir indutiva e experimentalmente os conceitos científicos. Em seu texto **Bases, Obstáculos e Possibilidades para a Construção de um Novo Paradigma da Didática em Ciências**, escrito nos anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ocorrido em Águas de Lindóia, diz:

“Diante de tantas exigências de mudanças e tais obstáculos, a possibilidade mais realista que se apresenta à didática de Ciências é assumir-se em permanente transição, buscando os espaços disponíveis em cada realidade de ensino e neles trabalhar dialeticamente as soluções de compromisso que se mostrarem viáveis e representarem um avanço no sentido idealizado”.(AMARAL, 1998, p.86).

Mostrando que a capacitação constante do professor de Ciências se faz necessária para que a construção dos conhecimentos dos alunos não seja apenas uma memorização de conteúdos.

2.6. Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade

Mostrou-nos a importância de se trabalhar a sexualidade das crianças, pois todo ser humano tem a curiosidade de conhecer melhor as mudanças que ocorrem em seu corpo e, se não for bem trabalhado, isto pode virar um grande problema em sala de aula, a ponto de, até a sexualidade, que é uma coisa natural, ser confundida com o ato da relação sexual.

A Professora Ana Maria⁸ nos mostrou alguns relatos de alunos e professores com situações vivenciadas em sala de aula e como o trabalho com as crianças foram encaminhados, apresentando assim as diversidades de possibilidades de se trabalhar o tema, levando em conta o ambiente, o cotidiano e a sensibilidade da criatividade do professor perante os problemas apresentados.

Portanto nós, educadores, devemos ficar atentos, pois

“... o desafio que se nos apresenta na educação é entender a dinâmica da constituição dos sujeitos sociais sexuados em que o poder presente nas relações leva à construção de concepções que são internalizadas por homens e mulheres, imersos no contexto de um redemoinho de transformações políticas, econômicas e sociais no qual padrões de tempo, de velocidade, de espaço sofrem e sofrem intensas e aceleradas modificações”.(CAMARGO, 1999, p. 38)

Com isto, a sexualidade, que é sugerido pelos PCNs como um tema transversal no currículo, tem que ser entendida como uma questão social em todas as instâncias e deve ser tratada com segurança pelo professor em sala de aula.

2.7. Teoria Pedagógica e Produção em Artes

Momentos de recordar como fomos trabalhados na infância a questão das aulas de Artes, onde até separação da turma em meninos e meninas ocorria para que pudéssemos trabalhar as habilidades. Os meninos faziam redes de pescar, caixinhas de ferramentas, etc. (trabalhos manuais típicos de trabalho dos

⁸ Ana Maria Faccioli de Camargo – Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

homens) e as meninas faziam crochê, corte e costura, culinária, enfim, trabalhos manuais típicos para mulheres. Aulas de Artes que eram carregadas de preconceitos existentes, por vivermos em um país machista na época, mas que felizmente hoje tal fato está amenizado.

A Professora Márcia⁹ nos mostrou os caminhos das Artes que podem e devem ser trabalhados nas escolas, pois as aulas não devem e nem é seu papel, transformar os alunos em artistas, mas sim oportunizar a eles momentos de contato com as diferentes linguagens da Arte.

No texto de Tiche Vianna e Márcia Strazzacappa, em *Teatro na Educação: reinventando mundos*¹⁰, isto fica claro quando as autoras dizem:

“Ao respeitar as características das diversas linguagens artísticas e, sobretudo, ao considerar a arte como área de conhecimento, a escola estará desempenhando um importante trabalho: mostrar à criança e ao jovem a importância da arte”.(STRAZZACAPPA, 2001, p. 120).

Estas reflexões me levaram a indicar a disciplina como uma das que daria aula como AP no curso de formação do PROESF, e sobre a qual relatarei as experiências mais à frente.

2.8. Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física

Confesso que nunca fui muito chegado às aulas de Educação Física e logo pensei que teria de fazer aqueles exercícios chatos, rever regras de jogos, enfim

⁹ Márcia Strazzacappa – Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

¹⁰ FERREIRA, Suéli (Org.). *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Campinas: Papirus, 2001.

fazer várias atividades físicas e desportivas durante o curso. Para minha surpresa, a Professora Eliana¹¹ nos mostrou um outro olhar para a Educação Física, com atividades físicas sem chatice, sem aquela coisa militar, proporcionando exercícios com criatividade, onde buscamos a interatividade com os amigos de sala, fazendo com que nos descobríssemos, descobríssemos os outros e o mundo que existe a nossa volta através dos exercícios realizados nas aulas.

Carmen Lúcia Soares cita em seu texto “Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade¹²” que:

“Talvez hoje estejamos necessitando estudar Ginástica, Jogos, Dança, Esportes e, de posse destas fantásticas atividades codificadas pelo homem em sua história valer-se, criativamente, de metodologias que encerrem valores mais solidários, que apontem para uma saudável relação entre indivíduo e sociedade e vice-versa”.(SOARES, 1996, supl.2 – Revista Paulista de Educação Física).

Neste espaço mostra uma preocupação com a Educação Física que é trabalhada ainda hoje, pela maioria dos professores nas escolas, com movimentos da Ginástica Européia, ou movimento Esportivo e até mesmo com a Psicomotricidade, para que os professores utilizem as técnicas destes movimentos em benefício da criança, fazendo com que elas entendam a importância de educar o corpo e se educarem como seres humanos, para que possam ter corpos mais saudáveis sem deixar de lado a criatividade e a interação

¹¹ Eliana Ayoub – Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

¹² SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, supl. 2, 1996.

com a sociedade e o meio em que vivem. Isto é confirmado pela professora Eliana quando diz em seu texto, “Uma Proposta de Abordagem do Tema Jogos no Contexto da Educação Física Escolar”¹³, que, para realizarmos com competência a nossa tarefa de educadores precisamos constantemente aprender com o passado e agir no presente com ousadia, para construção de um futuro mais luminoso.

Assim devemos, como educadores, sempre buscarmos nossa capacitação para que não fiquemos parados no tempo, mas que melhorem os nossos alunos como cidadãos no seu todo, através da nossa constante formação.

2.9. Reflexão sobre o curso intensivo de formação

Momentos de crescimento coletivo e individual, sempre buscando relembrar o passado, refletindo sobre as práticas educacionais vividas, para entendermos as mudanças ocorridas e necessárias para a melhoria da educação trabalhada nas nossas escolas atualmente.

Com este curso intensivo, muitos valores novos foram agregados ao meu conhecimento enquanto educador, me tornando mais atualizado e capacitado para o exercício do educar, com uma visão mais ampla sobre a educação brasileira e do mundo. Cada momento vivido em sala de aula trouxe uma nova expectativa de melhorias, principalmente em Matemática, Artes e Educação

¹³ AYOUB, Eliana. “Uma proposta de Abordagem do Tema Jogos no Contexto da Educação Física Escolar. Anais do I Congresso Regional Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – Jornada Pré-Conbrace, abril de 1999.

Física, cujas disciplinas muito me sensibilizaram, pois eu estava ainda centrado em como tinha sido minha formação, e me foi apresentada uma nova maneira de ver e trabalhar estas disciplinas com os alunos, fazendo com que o aluno aprenda para a vida e não apenas decore os conteúdos dados simplesmente para tirar nota e passar de ano na escola.

Trabalhando com o concreto para podermos entender o abstrato, ou seja, as teorias, nos deram maior segurança para podermos estar diante de uma classe de alunos / professores e, juntos, pensarmos caminhos para melhorarmos a formação de nossas crianças.

3. A PRÁTICA COMO ASSISTENTE PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO PROESF

3.1. Matemática

Tivemos que optar por algumas disciplinas para podermos atuar em sala de aula, e minha escolha foi para aquelas que mais me impressionaram durante o curso intensivo de formação, pelo qual passamos no primeiro semestre de 2002. As escolhidas por mim foram: Matemática, Artes e Educação Física, mas fiquei apenas com duas para poder desenvolver um trabalho melhor em sala de aula, Matemática e Artes.

As aulas da primeira turma do Curso de Pedagogia do PROESF tiveram início em agosto de 2002, mas como as disciplinas por mim escolhidas e aceitas pelos Professores Orientadores, de cada uma delas, só seriam ministradas no ano seguinte, tive o privilégio de ter um tempo de preparação para poder estar em sala de aula, o que ajudou muito.

Como Matemática seria ministrada no início do ano de 2003, começamos a nos reunir, o grupo de APs que tinham escolhido a disciplina, com a Professora Anna Regina, que era a Professora Orientadora de Matemática, para que pudéssemos fazer o planejamento das aulas. As discussões foram muito proveitosas, com muitas idéias boas, mas quanto mais perto chegava do dia em que estaríamos em sala de aula pela primeira vez como Professor de nível superior, aumentava minha expectativa por não saber como seria a recepção dos

alunos e qual seria nosso desempenho diante deste novo desafio. Estas sensações foram minimizadas com as reuniões cada vez mais intensivas e preparadas cuidadosamente em conjunto com a Professora Anna Regina, para nos dar todo suporte necessário para este momento.

Depois de feito o planejamento, passamos e repassamos várias vezes o conteúdo que seria trabalhado, dando cada vez mais segurança ao grupo e diminuindo a ansiedade que tomava conta de todos.

Enfim, chegou o primeiro dia de aula e lá estava eu diante de uma classe de alunas e alunos, todos professores da rede municipal de ensino das cidades da região metropolitana de Campinas.

Confesso que as pernas tremeram, pela responsabilidade de estar diante de um grupo no qual todos já eram professores, muitos há mais tempo que eu, pela responsabilidade de ter que trabalhar os conteúdos escolares e fazer com que eles aumentassem seus conhecimentos na disciplina, e que pudessem levar isto para seus alunos, além de ser um curso de Pedagogia oferecido pela UNICAMP, em que qualquer erro poderia por em risco o nome desta tão conceituada Universidade.

Após o primeiro instante de insegurança, comecei a perceber o quanto foi importante minha formação durante o curso intensivo que tive, bem como as reuniões que fazíamos periodicamente com o grupo de APs de Matemática e a Professora Anna Regina, tanto as que antecederam o início do semestre como também as realizadas durante o semestre, enquanto já estávamos em sala de

aula. Isto me deu firmeza para falar em sala de aula e, assim, passava aos alunos a segurança necessária para que eles me aceitassem como professor da classe. Daí veio a satisfação e alegria de ser Professor, com fundamentação teórica e domínio do conteúdo que estava sendo compartilhado com a classe, satisfação esta que não se tem como mensurar, pois o trabalho de educador do ser humano é fundamentalmente diferente de se trabalhar com máquinas, é pura emoção e afeto.

Criado este espaço de afetividade com os alunos, com aulas reflexivas sobre a prática em sala de aula na disciplina de Matemática, percebemos o quanto estava também sendo importante para estes alunos / professores, esta maneira diferente de trabalho. Sempre partindo de um questionamento através de textos e/ou atividades, seguido de reflexão individual, depois em grupo e por ultimo compartilhando com toda a classe as respostas, finalizando com uma resposta muito mais completa, elaborada pela turma da classe, acrescentando assim as idéias que muitas vezes passaram despercebidas pelos grupos.

As aulas sempre foram muito bem preparadas nas reuniões que as antecediam, de tal modo que o envolvimento dos alunos era tão grande, que na maioria das vezes tínhamos problemas com o tempo, não parecendo que estávamos há três horas em sala de aula. O tempo passava muito depressa para todos. Não só as aulas passavam depressa, mas também o semestre passou rápido. Isto era sentido nos portfólios elaborados pelos alunos ao final de cada aula, onde os alunos registravam os pontos positivos e negativos da aula.

Nas aulas magnas que aconteciam uma vez por semana em que se falava sobre as disciplinas trabalhadas no semestre, vimos que o conteúdo trazido para discussão durante as palestras foram proveitosos aos alunos. Estas aulas consistiam numa complementação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, das quais sempre surgiam comentários e questionamentos sobre o conteúdo tratado, e os próximos, durante as aulas seguintes. Quando foram apresentados, em sala de aula os jogos matemáticos, a maioria dos alunos comentava o quanto era importante passar por esta experiência. Em suas salas de aulas, diversos jogos eram dados aos alunos sem que eles nunca tivessem pensado em explorar o lado matemático da brincadeira, perdendo com isto a oportunidade de trabalhar mais a formação matemática dos alunos através do lúdico e do material concreto.

No decorrer do semestre, tivemos alguns trabalhos onde os alunos trouxeram para sala de aula experiências desenvolvidas com seus alunos, mostrando a prática de sala de aula para fundamentar algumas teorias desenvolvidas durante nossas aulas, o que foi muito importante, pois com estas amostras muitas atividades foram acrescidas a todos, como exemplos a serem aplicadas na prática do dia-a-dia em sala de aula. Sobre isto podemos citar um trecho da introdução do livro *OS Números*¹⁴:

“É preciso prestar muita atenção às perguntas pretensamente “ingênuas” das crianças. É preciso tentar respondê-las. Mas, se nossa curiosidade está alerta, elas podem nos levar muito longe, muito mais

¹⁴ IFRAH, Georges – *Os números a história de uma grande invenção*. Tradução Stella Maria de Freitas Senra; revisão técnica Antonio José Lopes, Jorge José de Oliveira – 6. Ed. – São Paulo: Globo, 1994.

longe do que poderíamos imaginar. Sob esse aspecto, os alunos podem às vezes se revelar excelentes professores”.(IFRAH, 1994, p.13).

Outro momento interessante foi quando trabalhamos o texto “A Nuança¹⁵”, que serviu de base para o trabalho com a feira de folhas e frutas, demonstrando um grande envolvimento e diversas reflexões a respeito do quanto nós não estamos preparados para percebermos as mudanças sutis que ocorrem no nosso cotidiano, principalmente quando está relacionado com a prática em sala de aula, onde corremos tanto para dar conta dos conteúdos que não notamos as nuances ocorridas com as crianças, cobrando apenas no final do ano o salto que deveriam ter dado. Com isto, aquele aluno que tem um tempo mais lento para entender, acaba sendo excluído através de notas, sendo que na maioria das vezes, se tivéssemos prestado um pouco mais de atenção, poderíamos ter oportunizado a ele um pouco mais de objetos de reflexão para que entendesse as nuances dos conteúdos trabalhados. Agora vou transcrever um trecho do texto, onde ele tenta definir a nuança, e que me instigou a muitas reflexões junto com os alunos, fazendo com que tivéssemos um grande crescimento enquanto educadores:

“A apreensão da nuança implica na superação do senso de permanência. Esta não é uma tarefa isolada e inicial da educação. Vencer o senso de permanência é um objeto permanente da ação educacional. Trata-se de um chamamento contínuo, constante, dos homens à ação. É um clamor sempre subestimado e calado, para que o homem exerça o seu incrível poder de ser humano.”

¹⁵ Texto adaptado pela Professora Anna Regina Laner de Moura do trabalho de formação elaborado pelo CTEAC, 2001 por Luciano Lima.

Como AP de Matemática, pude vivenciar na sala de aula a formação continuada de cada aluno e a minha própria, onde cada momento foi muito marcante, através das experiências que cada um trazia, no preparo de cada atividade que seria desenvolvida em sala de aula e no envolvimento da turma com o conteúdo desenvolvido. Esta troca constante que existia na sala de aula entre todos, foi muito enriquecedor na formação de cada um, principalmente para mim, que tive a oportunidade de passar pela formação intensiva e na sala de aula como AP, receber dos alunos as diversas experiências por eles vividas em sala de aula, como professores que são.

Com certeza estes momentos em sala de aula me formaram muito mais como educador e acredito que esta prática deveria ser estendida ao curso de graduação, para que os futuros professores chegassem à sala de aula um pouco mais preparados para enfrentarem uma turma, pois a experiência dá mais segurança e confiança no trabalho a ser desenvolvido.

3.2. Artes

A disciplina de Artes teve início no segundo semestre de 2003, portanto nossas reuniões do grupo de APs da disciplina com a Professora Márcia Strazzacappa, Professora Orientadora da disciplina, começaram no primeiro semestre, para também podermos fazer nosso planejamento de atuação em sala de aula. Este percurso foi um pouco diferente de Matemática, pois eu não era

habilitado em Artes, o que me fez empenhar mais nos estudos, pois tinha todas as responsabilidades de professor da disciplina e não poderia deixar a desejar como tal sobre a qualidade das aulas que iria ministrar.

As reuniões também foram muito intensas, pois o curso foi montado agregando muitas atividades novas, diferentes das que tivemos na disciplina durante o curso intensivo de formação, além de a Professora Márcia ter nos orientado no sentido de que nós, APs, pudéssemos acrescentar e direcionar os conteúdos a serem trabalhados, o que nos deu mais responsabilidades. Mesmo a Professora Márcia estando sempre nos orientando e dando suporte. A insegurança nas primeiras aulas era muito grande, mas a união do grupo, a vontade de fazer certo e o peso da responsabilidade, fizeram com que também transmitíssemos confiança para a classe e garantíssemos a qualidade que esperávamos para as aulas.

O momento criado no curso em que os alunos tiveram que entrevistar e trazer para a sala de aula, artistas das diversas linguagens da arte para se apresentarem, mostrando assim quanto rico é trabalhar com as diversas linguagens da arte existentes na comunidade onde a escola está inserida e que passa despercebida aos olhos do professor. Foi muito enriquecedor, pois o professor não está preparado para trabalhar com as linguagens da arte existentes fora da escola, ainda mais se ele é um professor formado apenas para trabalhar com crianças da educação infantil ou das primeiras séries do ensino fundamental

e que não é especialista¹⁶ na disciplina. Isto é uma coisa para se pensar, pois quando o professor é formado para trabalhar com os alunos menores sua formação é direcionada para a alfabetização, focando Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, como se apenas estas disciplinas fossem importantes para a formação da criança, deixando sem importância as demais disciplinas, esquecendo de formar o professor para trabalhar o todo da criança. Formação diferenciada esta, que vivenciamos na disciplina de Matemática, com a professora Anna Regina, e que falta nos cursos de formação de professores que trabalharão com crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, onde ela deixou claro que primeiro temos que trabalhar bem as linguagens Afetivas, depois as linguagens Artísticas e Esportivas, depois as linguagens das Palavras para depois então, podermos trabalhar as linguagens Numéricas e da Escrita e por último a linguagem Científica, fazendo assim uma melhor formação e provocando um melhor entendimento pela criança, pois se as linguagens não forem bem trabalhadas com as crianças, com certeza elas terão mais dificuldade para serem alfabetizadas.

As apresentações dos artistas trazidos pelos alunos, mostrando as diversas linguagens da Arte, foi o ponto mais importante de trocas entre todos os alunos e principalmente para mim, que estava ali como professor e vivenciando tantas experiências importantes, melhorando minha formação como professor e fundamentando toda parte teórica discutida em sala de aula. Também foram

¹⁶ Especialista – Professor com Habilitação específica na disciplina.

momentos para que refletíssemos mais sobre a prática dos professores durante as aulas de Artes que foram e são oferecidas, onde na maioria das vezes o professor dá uma folha com desenhos mimeografados para as crianças pintarem ou mandam que as crianças façam um desenho livre, direcionando mais para a linguagem das Artes Plásticas, esquecendo que existem outras tão importantes para a formação da criança. Questionamentos sobre a linguagem da Dança na escola, escrita pelas professoras Márcia Strazzacappa e Carla Morandi no livro *Entre a Arte e a Docência*¹⁷ nos fez refletir sobre as demais linguagens artísticas que são colocadas de lado na instituição escolar, não oferecendo espaços adequados e horários dentro do currículo escolar, deixando fragmentada a visão da criança sobre a Arte existente e importante para a sua formação integral, linguagens estas que foram ali trazidas pelos alunos e que através destas apresentações artísticas, surgiram reflexões do quanto vai ser necessário para que possamos realmente dizer que estamos oferecendo Artes na educação.

Momentos de leitura de textos como *Dançando na chuva... e no chão de cimento*¹⁸, onde destaco o trecho a seguir:

“A arte existe para que possamos nos expressar. Dizemos por meio dela aquilo que não conseguimos comunicar de outras maneiras. As diversas formas artísticas existem para responder às diferentes necessidades de expressão do ser humano. Uns se manifestam pela música, pelo teatro, outros pela poesia. Há aqueles que se expressam pelas artes plásticas e outros ainda pela dança.”(STRAZZACAPPA, 2001, p. 40)

¹⁷ STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. *Entre a Arte e a Docência – A formação do artista da dança*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

¹⁸ Texto do livro de FERREIRA, Sueli (org). *O Ensino das Artes – construindo caminhos*, Campinas, SP: Papirus, 2001.

Foram momentos de muita discussão, fazendo com que lembrássemos das aulas que tivemos enquanto alunos e que até hoje não existem grandes mudanças com relação a Artes. O que se via nas décadas passadas, era direcionado para o trabalho que deveria desenvolver levando-se em conta a divisão por sexo e hoje, para trabalhos de apresentação nos finais de anos, em datas comemorativas, para enfeitar a escola ou mesmo para que o pai veja que a escola oferece Artes em seu currículo, esquecendo de realmente oportunizar as Artes para que o aluno possa se expressar como ser humano.

O semestre em Artes também foi muito rápido e mais uma vez o envolvimento dos alunos com os textos e com as práticas fizeram com que o tempo passasse muito depressa, confirmando assim que, quando preparamos bem nossas aulas, conseguimos uma maior afetividade com os alunos e um maior aproveitamento, melhorando assim a formação da criança.

3.3. Assistente Pedagógico – Formando e me Formando Professor

Nos outros três anos que se seguiram, mantivemos mais ou menos o mesmo esquema, onde no semestre anterior ao início das aulas da disciplina, começávamos as reuniões para avaliação e planejamento do semestre seguinte, que sempre tinha alguma coisa para acrescentar ou para retirar do currículo,

mudanças de atividades e objetos de avaliação, em função da busca de uma melhor qualidade para as aulas que iríamos trabalhar.

Com o passar do tempo, aquela insegurança que surgiu quando começamos a dar aulas foi acabando, em parte pela aquisição dos conhecimentos adquiridos no decorrer dos anos mas, principalmente, pelas reuniões com o grupo de APs e com a Professora Orientadora de cada disciplina, que a cada nova reunião dava mais segurança e comprometimento com o conteúdo trabalhado em sala de aula. Esta segurança fez com que no último semestre de cada disciplina, as reuniões fossem mais espaçadas. Nós, APs, quando tínhamos alguma dúvida, recorriamos aos nossos orientadores, que sempre nos atendiam prontamente e nos orientavam sobre as questões surgidas, garantindo assim a continuidade da qualidade das aulas por nós ministradas.

Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos professores, procuramos tanto na disciplina de Matemática como na de Artes, trabalhar sempre partindo de alguma coisa concreta para depois chegarmos ao abstrato, que era o conceito constituído e transmitido. Todos os alunos / professores tinham vivenciado a maioria desses conceitos na sua formação anterior, mas sem partir do concreto, o que lhes causava insegurança e medo de trabalhar com determinados conteúdos, conforme relatos em portfólios, por não terem aprendido, mas sim decorado para tirar notas para passar de ano. Todavia, as aulas praticadas no Curso de Pedagogia do PROESF, eles já começavam a

trabalhar com segurança, melhorando assim a sua formação e das crianças também.

3.4. Trechos de Portifólios¹⁹

“Esses momentos que tive com a disciplina de Matemática foi que me fizeram atentar para alguns fatos que me oportunizaram refletir sobre minha prática pedagógica quanto ao trabalho com o ensino da Matemática com meus alunos.”

L.H.R.S. - 2003

“Contudo, é importante ressaltar, que é preciso uma reflexão sólida, permanente, a respeito dos métodos de ensino, dos conceitos, como também, do tratamento que a escola tem proporcionado aos conhecimentos matemáticos.”

A.S.P.P. - 2003

“Tive dificuldades em algumas atividades, principalmente com o tangram, acho que essa área de matemática está nos permitindo enxergá-la de maneira diferente, estou satisfeita e espero aprender e renovar ainda mais, melhorando qualitativamente a minha prática pedagógica.”

D.A.P. - 2003

¹⁹ Trechos extraídos de alguns dos diversos portifólios escritos pelos alunos durante as aulas de Matemática e Artes no decorrer dos quatro anos (2003 a 2006), em que trabalhamos com as disciplinas como AP, mostrando as significantes contribuições que o curso trouxe para o dia-a-dia desses professores.

“Concluimos então que a matemática está presente em nossa vida, em tudo, por isso sua compreensão é muito importante, por isso nós enquanto educadores devemos ensiná-los de forma significativa para que a criança possa ser capaz de compreendê-la, e possa utilizá-la em sua vida diária.” S.M.O. - 2003

“Mudei minha postura para ensinar as operações, seguindo o ritmo das crianças, de forma que elas entendam, expressando no concreto e não dando o salto como eu fazia antes, pois eu ensinava técnicas de desenvolver sem que houvesse entendimento e agora levo meus alunos a construir e reconstruir os conceitos.” K.G.D.S. - 2003

“Enfim, a Matemática é importante para tudo em nossas vidas. Devemos enquanto educadores criar oportunidades para nossos alunos pensarem, criarem, descobrirem e expressarem suas descobertas, trabalhar nossas crianças de forma significativa, de maneira que elas sintam que é importante saber aquilo para sua vida.” V.C.C.E. - 2004

“Concluí que os conteúdos foram transmitidos de maneira envolvente, significativa e interessante, no qual deu para perceber que nós alunas do curso pudemos assimilar o conteúdo e não apenas decorar e, para isso, foram utilizados diversos recursos didáticos e teoria/prática, contato direto com o objeto a ser estudado “concreto”.” D.A.F. - 2003

“Os conteúdos trabalhados me ajudaram muito, no meu trabalho, dentro da minha sala de aula, pois dou aulas para adultos e preciso de maneiras para poder ensiná-los, simplificar para que eles possam entendê-los” A.M.C. - 2006

“No meu trabalho com educação infantil, acho difícil utilizar o ábaco e mesmo o material dourado, pois devido à idade deles (5 anos) teria que apenas introduzir o material trabalhando com pequenas quantidades.” A.B. - 2005

“Foi muito interessante a troca de atividades entre grupos, pois a aula se tornou mais dinâmica, podendo se ver outras possibilidades de se trabalhar a matemática, além das operações aritméticas.” E.L.C. - 2005

“Posso concluir que as aulas de Arte me fizeram ter uma nova visão, ampliando meus conhecimentos para melhor direcionar meu trabalho pedagógico em todas as disciplinas.” S.A.D.L.B. - 2005

“Tenho certeza que estou mudando a minha maneira de ver e pensar algumas coisas em relação à vida. “A arte contagia”, em arte não tem certo ou errado. Esta fala é da Márcia Strazzacappa, eu gostei muito e concordo com ela.” V.B.F. - 2005

“Nas aulas todas as alunas puderam revelar alguma coisa de seu lado artístico, nos tornamos verdadeiras artistas. As apresentações nos despertaram a sensibilidade e a vontade de tornar a vida uma arte.” A.T.V.R. - 2005

“Pessoalmente aprendi a ver beleza onde não via antes, pois tinha o conceito hegemônico de artes. Fiz questão de participar de todas as oficinas para sentir todas as dificuldades envolvidas.” R.A.D.M. - 2005

“Acredito que essa foi apenas uma etapa de muitas que virão ainda, para meu melhor desempenho no ensino das artes e mais atenção nas pequenas coisas minhas e das pessoas que me rodeiam.” S.A.D.C.D. - 2005

“Com toda certeza, a partir das aulas de artes muitos conceitos que tinha mudaram, e hoje não sou a mesma professora de antes.” S.L.D.B. - 2005

“E essa disciplina só veio a acrescentar na minha vida particular e profissional, ajudando a melhorar minha prática pedagógica, colocando para fora a artista escondida que estava em mim.” R.C.S.R.S. - 2005

“O professor deve estar profundamente envolvido com a linguagem que ensina e deve principalmente conceber a aquisição da linguagem como um processo criativo e não de adestramento técnico.” V.S.J.V. - 2006

"Para finalizar é importante que o professor esteja aberto para ampliar o seu próprio repertório visual, tornando-o mais suficiente para estimular os alunos a procurarem conhecer cada vez mais, capacitando-os para a construção de um conhecimento mais profundo e significativo de si mesmo e do meio em que vivem."C.D.C. - 2006

Fica claro nas falas das alunas o quanto importante foi o curso do PROESF na vida profissional e particular de cada uma. Este trabalho diferenciado, vivenciando a prática junto com a teoria, mostrou caminhos novos e também caminhos que muitos já percorriam, mas não conseguiam perceber o quanto poderiam aproveitar para que o aluno crescesse ainda mais.

O mais importante de tudo, para mim, foi poder trabalhar conceitos e conteúdos que todos já tinham vistos, mas não tinham sentido na prática, portanto ainda não conseguiam compreender e transmitir com segurança aos seus alunos. Com a prática realizada durante o curso, senti que elas começaram a levar para suas salas de aula e voltavam contando como tinha sido a experiência de trabalhar o mesmo conteúdo que já tinha trabalhado, mas de forma diferenciada, fazendo com que seu aluno também pudesse aplicá-lo na sua vida e não mais apenas para fazer prova.

Mesmo este curso ser para fornecer formação superior aos professores da região metropolitana de Campinas, que ainda não a possuíam, percebi que não

foi apenas mais um curso de Pedagogia, mas sim um curso de formação continuada em exercício, em que todos os demais professores teriam que também vivenciar. Percebi também que muitas práticas de sala de aula podem ser mudadas depois de uma boa formação, por aqueles professores comprometidos com a educação e que muitas vezes precisam de ajuda e não sabem a quem recorrer.

Dá para perceber também que ainda há necessidade de se aprofundar mais nas pesquisas sobre o ensino infantil, pois na fala das professoras que trabalham com alunos menores, mesmo com todas as atividades desenvolvidas, pudemos sentir o quanto é difícil o trabalho com as crianças de idades menores. Apesar desta dificuldade, muitas coisas boas que estão sendo trabalhadas nas escolas lhes foram apresentadas durante o curso. Com uma boa pesquisa, acredito que poderemos ter mais subsídios para que a educação infantil também possa crescer em termos pedagógicos, com qualidade.

CONCLUSÃO

“...Penso que seguir a vida seja simplesmente,
Conhecer a marcha, ir tocando em frente.
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada,
Eu vou, estrada eu sou...”

(Almir Sater/Renato Teixeira)

Começo minha conclusão com este pequeno trecho da música *“Tocando em frente”*, pois é assim que me sinto após este curso tão especial em minha vida como educador, que veio me dar forças para entender e compreender os muitos questionamentos que me fiz durante o exercício de professor. Foi na primeira aula, no primeiro texto que tive quando começou o curso de especialização em Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento, oferecido pela Professora Anna Regina o importante momento para que nós nos conhecêssemos enquanto colegas de classe e refletíssemos sobre nossas vidas, criando ali um momento de afetividade entre todos e de mudanças em nossas posturas profissionais.

Os momentos intensivos de estudos durante o curso de formação foram decisivos para dar segurança necessária no momento em que estivemos em sala de aula respondendo como professor da disciplina. Quero deixar claro que a fundamentação teórica dá ao professor maior segurança no seu trabalho, contudo a criatividade nas atividades desenvolvidas é que faz a grande diferença do

comprometimento, tanto dos alunos quanto do professor, com o momento de sala de aula e de formação quanto cidadão.

Não foram apenas momentos de formação em termos de conteúdo, mas muito mais de reflexão sobre como está hoje a educação brasileira, e que caminhos devemos tomar para que façamos nossa parte na melhoria dessa educação. Retomando memórias de nossa formação, lembrando o quanto tivemos que decorar as matérias simplesmente para ter uma boa nota. Este procedimento já tinha ficado esquecido em nossas lembranças, mas ainda hoje acontecem em sala de aula, fazendo com que a criança fique refém do estudar por estudar, não crescendo em sua formação humana em comum unidade, mesmo vivendo em uma comunidade.

Também as reuniões pedagógicas dos APs com a Professora Orientadora foram de fundamental importância para complementar tudo que vimos durante o curso intensivo, ampliando nossos conhecimentos na disciplina, discutindo o preparo das aulas cuidadosamente para que a estrada que somos tivesse o mínimo de buracos, onde nossas crianças não pudessem tropeçar.

Durante a prática em sala de aula, os alunos / professores me deram um novo olhar para a educação, mostrando uma parte de minha formação que não me foi dada, que foi conhecer os momentos por onde a criança começa seu caminhar nesta longa estrada da vida escolar, me formando mais professor, com uma visão mais ampliada, percebendo o quanto faltou no meu caminhar, conhecer mais sobre a educação de base; enfim foi a melhor escola para a minha

formação como professor e que deveria ter sido me oferecido no início de minha carreira.

As atividades trazidas pelos alunos foram riquíssimas, com muita interação entre o professor mediador da atividade e seus alunos, mostrando quanta coisa boa é desenvolvida pelos professores em sala de aula, mas que ficam apenas para eles, e com isto os demais colegas puderam também adquirir estes conhecimentos para trabalharem com suas turmas.

O que me marcou neste curso foram os momentos em que trabalhamos ou presenciamos os artistas e as atividades concretas para fundamentar a teoria, onde percebi nitidamente o envolvimento e o crescimento da turma diante dos desafios surgidos ou colocados, trazendo a alegria da descoberta de algo, que já estava descoberto, mas para eles naquele momento era como se ainda não tivesse sido. Isto me fez refletir o quanto a educação infantil trabalha com o lúdico e a gente percebe que a criança é feliz, se diverte, sem perceber que está se desenvolvendo pedagogicamente. No entanto, quando chega ao ensino fundamental, quando o trabalho é mais baseado na linguagem científica, ela começa a não mais gostar da escola, pois os professores não trabalham mais tanto com coisas concretas para se chegar ao abstrato, achando que a criança, conforme diz Paulo Freire, é um monte de gavetas onde se abre e coloca um monte de teorias, sem explicar o que é, nem falar pra que serve e a criança tem que absorver para tirar notas, ficando perdido dentro dela, sendo raramente utilizada ou sem nunca ter utilização.

Percebi que é preciso pesquisar mais a educação infantil, pois quase não tínhamos material para trabalhar com os professores que atuam nesta faixa etária e que têm grande envolvimento afetivo com as crianças. Suas atividades, porém, ficam fragmentadas, sem fundamentação teórica, deixando de explorar momentos de crescimento da criança. Atividades trabalhadas por elas são, na sua maioria, concretas. Quando se trabalha com jogos é muito comum dar o jogo apenas pelo jogo. Percebi também o quanto é importante planejar a aula bem antecipadamente, para se atingir os objetivos propostos na disciplina e obter um maior/melhor envolvimento da classe.

Ficando para mim o caminho da pesquisa em busca de novas descobertas, para minha formação profissional e melhoria dos meus alunos, pois tenho que tocar em frente, levando conhecimentos e fazendo minha estrada sem buracos para que não haja tropeços.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Ivan Amorosino. Bases, Obstáculos e Possibilidades para a Constituição de um Novo Paradigma da Didática em Ciências. Águas de Lindóia: Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 1998.

AYOUB, Eliana. Uma Proposta de Abordagem do tema *Jogo* no contexto da Educação Física Escolar. Campinas: Anais do I Congresso Regional Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – Jornada Pré-Conbrace, abril/1999.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli. Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal. Campinas: Oficina Gráfica UNICAMP, 1999.

FERREIRA, Sueli (org). O ensino das Artes – construindo caminhos. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

IFRAH, Georges. Os números, a história de uma grande invenção. RJ, Ed Globo, 1978.

JUNIOR, Wenceslao Machado de Oliveira. Perguntas à Tevé a às Aulas de Geografia – crítica e credibilidade nas narrativas da realidade. – escrita quando professor no Departamento de Educação/Unesp-Rio Claro.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). Os significados do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEITE, Sergio A. S. (org). Alfabetização e Letramento. Contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Arte Escrita e Komedi, 2001.

MOURA, Anna Regina Laner de. O movimento conceitual em sala de aula. São Paulo, aceito para publicação. Universidade de Aveiro. Pt. 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SANTOS, Gildenir Carolino (Copilador). Roteiro para Elaboração de Memorial. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, supl. 2, 1996.

SOARES, Magda B. Letramento. um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998.

STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança. Campinas, SP: Papyrus, 2006 (Coleção Ágere).

ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. São Paulo: Revista Brasileira de História, vol. 18, nº36, 1998.